

FAGOCITOSE: de Platão à Ecocrítica

TATIANA SALEM LEVY

J. carregava um guarda-chuva na mão quando saiu do trem, pois tinha visto que a previsão era de mau tempo para toda a semana. Só não imaginava que fosse ventar tanto, tornando inútil qualquer barreira para as gotas finas que cruzavam o ar. Um quilômetro de caminhada arrastando a mala, a Av. Lourenço Peixinho inteira, da estação até o apartamento que tinha alugado. Entrou no prédio com a roupa e os tênis encharcados. Na portaria, a primeira coisa que fez foi arrancar a máscara do rosto, como quem tira uma pedra irritante do sapato. Logo em seguida, uma mulher saiu do elevador, olhou para J. com desprezo, e só quando ela havia deixado o edifício J. se deu conta de que não podia ter tirado a máscara. Fazer o quê? Passava a maior parte do tempo em casa e ainda não tinha se acostumado com as novas regras da civilização.

Viajar agora, no início do ano letivo dos meninos, com o vírus voltando a se alastrar pelo país?, P. perguntara, num misto de desprezo e resignação. Por isso mesmo, J. respondeu, os meninos passam o dia na escola, e você só precisa servir o jantar. Até porque, J. continuou, os meninos já estão crescidos . . . E assim arrematou a conversa, partindo uma semana depois.

Da janela do quarto, ela observa a ria de Aveiro e o Fórum, onde lojas multinacionais a fazem concluir que até as cidades menores estão se tornando iguais. Adaptaram-se ao capitalismo na sua forma mais dissimulada: o turismo, ela pensa, ao ver os moliceiros que um dia levavam sal cruzarem a ria com alguns poucos estrangeiros. Como farão se o vírus nunca for embora? Se depois deste vírus vierem outros? Se a circulação de pessoas não voltar a ser o que era? Vão ter que se adaptar, ela se diz; afinal, o que é a história da Terra senão a história da adaptação?

J. tinha aprendido na escola a teoria de Darwin: pela lei da seleção natural, não sobrevive necessariamente o mais forte e, sim, o que se adapta melhor às condições do ambiente à sua volta. Darwin tinha viajado o mundo inteiro para provar que nós

e as amebas tínhamos o mesmo antepassado comum. Era engraçado que hoje ela já não se lembrasse dos nomes dos reis portugueses nem das equações de segundo grau, que ela adorava, mas se lembrasse com detalhes da teoria da evolução e dos desenhos dos tentilhões de Galápagos no livro de biologia. Talvez haja uma razão para isso, ela pensa: no jogo evolutivo, somos nós os vencedores. Os bilhões de anos que nos antecederam, primeiro com as bactérias, depois com a vida marítima, em seguida a vida terrestre, até chegarmos ao macaco, tudo isso existiu apenas para convergir em nós, seres superiores, pensantes, os únicos interessados em sexo sem o objetivo de reproduzir.

E, no entanto, era a sensação de fracasso que a levava até Aveiro.

De fora, ninguém diria isso. Até diriam o contrário, afinal tinha chegado a Portugal com uma trouxa de roupas e tinha construído uma história louvável, ela pensa, um pouco incerta do adjetivo.

Sua mãe emigrara de uma ilha muito pequena no Maranhão, a ilha dos Lençóis, para o Rio de Janeiro, onde conhecera o pai, imigrante português que trabalhava numa padaria em Deodoro, na zona oeste da cidade. Quando a mãe estava grávida da única filha — um fórceps mal-usado a levaria a perder o útero —, o pai abriu seu próprio negócio, que foi crescendo na medida em que também cresciam as amantes, o álcool, os tapas na mãe e na filha. Nada que não acontecesse na casa da vizinha ou da sua melhor amiga. Enfim, apesar da sua vida absolutamente banal no Rio de Janeiro, escola pública decadente, praia escassa por conta da distância, poucos amigos, ela tinha se mudado para Lisboa, onde terminou a faculdade de Filosofia, depois seguiu carreira acadêmica, mestrado, doutorado, pós-doutorado, até se tornar professora do departamento, uma das poucas mulheres, a única brasileira, fazendo com que a palavra sucesso combinasse mais com ela, que hoje tem a vida bastante arranjada, dá aulas, faz pesquisa, cuida de dois filhos quase adolescentes e continua amando o mesmo homem, há exatos vinte anos, do que a palavra fracasso.

J. tinha conhecido P. num evento improvável. O pai chegara em casa com um convite do clube da beneficência portuguesa para uma reunião de jovens do mundo inteiro. Fora a nacionalidade, ela não tinha nada em comum com eles. O pai cortara definitivamente os laços com o país de origem, acomodara a língua a um sotaque mais cantado e se esforçava tanto em parecer local que às vezes ela até esquecia que ele não era dali. Então, aquele convite soava sem propósito, mas, ao ler que

sorteariam três participantes para uma viagem a Portugal, entusiasmou-se. Tinha muita vontade de conhecer a Europa.

A viagem não lhe calhou, mas foi no clube que J. e P. se conheceram. Ela gosta de dizer que foi paixão à primeira vista, embora não saiba bem se foi assim ou se, com o passar dos anos, eles inventaram essa narrativa para justificar tudo o que veio a seguir. Depois que P. voltou a Portugal, eles se escreviam todos os dias, as mensagens caindo lentamente na caixa de entrada, a Internet ainda discada. Em um ano, fizeram duas viagens interatlânticas, uma para cada lado. Ela vivia com uma felicidade excessiva, que não combinava com seu tipo físico, até que um dia, sem nenhum aviso prévio, a mãe morreu atropelada, quase na porta de casa, por um homem que não parou no sinal, nem para prestar socorro.

A dor se instalou no seu peito dia e noite, não havia forma de tirá-la dali, um corpo estranho dentro do seu corpo; ela sem saber o que seria da vida sem a mãe, tinha apenas vinte anos, um pai com quem não se dava muito bem, um curso de Filosofia por acabar numa faculdade da qual não gostava nem desgostava. Então, quando embarcou para visitá-lo em Portugal, três meses após a morte da mãe, saiu decidida a não regressar.

O pai, que desconhecia a sua intenção, cortou com ela logo depois de receber o telefonema, a voz trêmula e baixa do outro lado da linha, Pai, decidi ficar. Fez com ela o mesmo que havia feito com a família, e ela nunca soube se o seu problema era Portugal, manter afetos à distância ou simplesmente manter afeto, onde quer que fosse.

Só voltaram a se falar quando ela levou os filhos para conhecerem o Brasil. A velhice havia abatido aquele homem antes tão vigoroso — ele agora já não madrugava para abrir a padaria nem era o último a sair — mas também o havia tornado mais doce, e assim o avô que os netos conheceram parecia bem diferente do pai que ela passou a ver uma vez a cada dois anos, quando viajava em férias para o Rio de Janeiro.

Há coisas que o tempo engole e não absorve, o que era nítido na forma de se olharem, quase dois estranhos, dois estrangeiros, que falam de maneiras diferentes, agora era ela que carregava no sotaque português. E há outras que o tempo devolve, feito a terra escavada e revirada, a terra que regurgita os ossos junto com o fim do mundo.

Ela já esperava a notícia da morte do pai. Demorou mais do que o médico havia previsto, no pâncreas costuma ser rápido e feroz, ele disse pelo telefone, a voz

pausada revelando medo por trás da indiferença. Alguns dias depois, a tristeza cresceu. Era estranho que o pai desaparecesse assim, sem uma despedida, sem que ela tivesse estado lá na hora que o caixão se ajeitou embaixo da terra.

Que tempos, J. pensou, apenas ecoando o que toda gente dizia naquele ano estranho, no qual uma pandemia havia fechado a humanidade em suas casas. Mas não enterrar um morto é ficar parado no mesmo lugar, e foi para evitar que isso acontecesse que ela decidiu ir até Aveiro sozinha, apenas para passear pela cidade. Olhar para as ruas estreitas e imaginar o avô, de quem seu pai falara uma única vez, trabalhando atrás de uma porta igualmente estreita, na reparação de sapatos; imaginar a avó, indo a pé de Aveiro até a Gafanha da Nazaré para trabalhar na seca do bacalhau; imaginar também o tio que a pesca havia levado tão jovem nas águas geladas da Noruega; e, por fim, o pai trabalhando nas salinas, a pele rachada pelo sol, antes de definir para si mesmo que aquilo não era bem dignidade e entrar num navio rumo ao Brasil.

Então, no meio de seu passeio pela cidade, sob um azul que havia acabado de aparecer, contradizendo a previsão do tempo, J. pensa que já não havia ninguém acima dela na escala evolutiva da família; sendo a vitoriosa, a mais adaptada, só ela podia imaginar. Só ela podia dizer se a história havia acontecido de um jeito ou de outro. Uma vez que o mundo parece estar acabando, continua a conversar consigo própria, quero voltar ao início. Entender o princípio da vida e o princípio da minha vida. Agora, que as minhas raízes foram cortadas, quero conhecer o lugar de onde o meu pai partiu.

Fazia alguns meses, J. andava sentindo um incômodo, que poderia se resumir como um impasse diante do fim, falta de perspectiva, vazio existencial, ausência de sentido, os sentimentos se embolando até formarem aquele corpo estranho que algumas vezes se instalara no seu peito, e que ela tentava expelir, mas que dessa vez tinha decidido absorver por fagocitose, nem que o processo fosse lento e duro.

A Wikipédia explica que a fagocitose é um dos principais mecanismos da resposta imune nata; um dos primeiros mecanismos de resposta à infecção e um dos ramos iniciais de uma resposta imune adaptativa. Embora a maioria das células sejam capazes de fagocitar, alguns tipos de células a executam como parte de sua função principal. Estes são chamados de “fagócitos profissionais”. A fagocitose é antiga em termos evolutivos, estando presente até em invertebrados.

Dois pontos lhe atraíam nessa descrição: tornar-se uma fagócita profissional, devorando todo corpo estranho que lhe aparecesse dali em diante com suas

membranas; e realizar um processo antigo em termos evolutivos. Mais do que nunca, a resposta para o fim lhe parecia contida na origem.

Se alguém lhe perguntasse, ela diria que a sua trajetória profissional cabe nos títulos de seus trabalhos de pesquisa. J. nunca escreve nada sem antes ter um título definido; o título funciona como um motor, um impulso para o que vem a seguir. O texto vai se ramificando, se apagando e se reescrevendo nas mais variadas direções, mas o título permanece intacto. Ela então elencaria:

Mestrado: “Percepção e Compreensão em Platão: Um Estudo Fenomenológico com Especial Referência ao Teeteto”

Doutorado: “Imagens e Concepções da Vida Humana em Platão, Investigações sobre Bios e Psychē”

Pós-doutorado: “Corpo e instinto a partir da filosofia de Nietzsche”

Projeto de pesquisa atual: “O fim do mundo e seus desdobramentos: o que pensam as bactérias?”

Não precisava conhecer tão bem filosofia para perceber que alguma coisa havia acontecido para ela passar de anos de dedicação a Platão para uma pesquisa sobre Nietzsche. Da alma para o corpo foi a sua primeira revolta. Ou revolução. Ela alternava o uso desses dois vocábulos, conforme o seu humor. Com Nietzsche, exaltava-se ao discorrer sobre instintos primordiais, potência, afirmação da vida e, mais ainda, sobre a tragédia grega, que de repente se tornou a sua maior paixão. Não entendia como perdera tanto tempo com o estudo da razão, se poderia ter se lançado desde o início na desrazão dionisíaca.

Mas, de uns tempos para cá, o corpo já não lhe parecia suficiente como resposta, nem como pergunta. A bem da verdade, era como se agora J. quisesse desvendar as partes ínfimas, minúsculas, invisíveis do corpo. Uma amiga bióloga havia lhe sugerido um documentário sobre Lynn Margulis, que ela viu numa noite de insônia, com a casa toda a dormir; e aquela noite de insônia logo se desdobrou no desejo de ler e estudar essa cientista até chegar à conclusão de que a filosofia e a biologia deviam formar uma única disciplina, pois não há pensamento sem

bactéria nem bactéria sem pensamento. Esta seria a sua segunda revolta. Ou revolução, dependendo do humor.

Os escritos de Lynn Margulis haviam virado de cabeça para baixo as ideias neodarwinistas sobre a evolução, o meio ambiente e sobre a própria concepção de vida. É claro que, sendo mulher num ambiente predominantemente masculino, Margulis foi desacreditada, acusada de anticientificismo e bruxaria. Mas tinha tanta certeza do que dizia, estava tão arraigada à sua percepção inicial, quando ainda era estudante, de que a simbiose fora o processo originário em direção à célula eucariota, que nunca baixou o tom, nunca cedeu. Nunca pensou em se adaptar às ideias dos outros para sobreviver.

J., ao contrário, fora obrigada a se adaptar muitas vezes. Desde que chegara a Portugal, tivera que se adaptar ao frio, à pronúncia fechada, ao mau-humor, à formalidade, ao excesso de azeite e alho na comida, aos fritos frios, à tanta coisa que ela agora enumera, ao mesmo tempo em que se diz que a adaptação corresponde ao hábito adquirido com as coisas más, porque ninguém diz, por exemplo, que se adaptou à segurança com que anda na rua ou às ameijoas à bulhão pato. Portanto, ela acaba de pensar, enquanto caminha à beira ria, agora já do outro lado, na direção da casa alugada, os mais adaptados são também os mais resignados. O que é o mesmo que dizer que os vitoriosos na escala evolutiva são aqueles que não se revoltam.

Durante muito tempo, J. se esforçou em anular seus traços brasileiros, sobretudo o sotaque, e sorria de satisfação toda vez que alguém a tomava por portuguesa. Mas com o corpo isso não funcionava. Não bastava ela querer, nem se esforçar. A pele estava sempre seca, por mais cremes que pusesse; o cabelo, antes cacheado, alisara de vez; todas as madrugadas, a garganta acordava sôfrega, e ela sofria de terríveis enxaquecas quando o verão se anunciava. Vinte anos depois, era como se o seu corpo tivesse acabado de chegar. E foi quando assistiu ao filme sobre Lynn Margulis que começou a pensar que talvez as bactérias que o habitam demorassem mais tempo para se adaptar do que o seu sotaque; tanto tempo, que não seria possível isso acontecer durante a sua curta existência. E, se as bactérias que a constituem não se adaptam, isso quer dizer que ela própria não é adaptável. E que no fim de tantos esforços, afinal, ela era um fracasso.

Ao mesmo tempo, pensou, enquanto tentava segurar o cabelo fustigado pelo vento, boa parte das minhas bactérias saíram daqui junto com o meu pai. Se o que Lynn Margulis defende for correto, que a evolução não é uma competição, mas

uma cooperação, na qual os seres dependem uns dos outros e se ajudam a existir, em vez de simplesmente se devorar, então faz sentido pensar que sem as bactérias de Aveiro J. não seria ninguém.

Para Margulis, o condutor fundamental da mudança evolutiva não é tanto o acaso, mas a simbiose. Organismos de diferentes espécies se juntam para dar vida a outro organismo. Há uma inteligência nesses seres que se juntam, talvez até um afeto, J. pensa: um fungo se encanta por uma alga, e a única forma de se amarem é pelo processo simbiótico, formando um terceiro elemento, provavelmente mais esperto e carinhoso do que os originais.

Junto com James Lovelock, Margulis havia questionado por que há muito mais oxigênio do que CO₂ na Terra, enquanto em Marte é o contrário? Pensaram a teoria de Gaia, que contradiz a ideia de que a Terra era um lugar inerte onde a vida pôde nascer. Ao contrário, foi a ação dos seres vivos que tornou a Terra habitável. Em cooperação, os seres estabelecem uma força que permite esse desequilíbrio, fazendo do nosso planeta um lugar com o oxigênio necessário para tanta vida.

Já em casa, com a janela da varanda aberta para a rua onde há pouco caminhava, J. relê um trecho do livro de Coetzee que trouxe consigo, *Diário de um ano ruim*, título perfeito para 2020. A página está dobrada e rabiscada à caneta: “Duas pessoas que se envolvem num jogo de xadrez concordam implicitamente em jogar de acordo com as regras. Mas no jogo de jogarmos contra os vírus não existe nenhuma convenção de base como essa. Não deixa de ser concebível que um dia um vírus faça o equivalente a um salto conceitual e, em vez de jogar o jogo, comece a jogar o jogo de jogar o jogo, ou seja, comece a reformar as regras para se adequar a seus desejos. Por exemplo, ele pode escolher descartar a regra de que um jogador deve fazer apenas um movimento por vez. Como pode ser isso na prática? Em vez de se esforçar, como no passado, para desenvolver uma única cepa capaz de superar as resistências do corpo do hospedeiro, o vírus pode ter sucesso em desenvolver toda uma classe de cepas simultaneamente, o que seria comparável a fazer uma variedade de movimentos de xadrez ao mesmo tempo em todo o tabuleiro”.

Ela estava na dúvida se citava essa ou outra passagem na apresentação da sua nova pesquisa, que certamente seria ridicularizada no Departamento. Queria mostrar como a razão filosófica, o *Cogito, ergo sum* de Descartes, coincidia com a visão mecanicista na ciência, que encara os humanos como os únicos seres pensantes, dando a eles o direito de controlar o mundo como se fosse uma máquina,

colocando-os fora da natureza; para em seguida propor uma visão sistêmica da vida, em que cada parte depende da outra. Nessa visão, os humanos não dominam o mundo. Eles o destroem, enquanto as bactérias continuam seu trabalho de construção, dia após dia, invisíveis aos nossos olhos. Ela acredita que daqui poder vir uma nova revolução filosófica, mais drástica do que aquela que transpôs o pensamento da razão para o corpo.

Voltando a Coetzee, porque ela agora vira a página em busca da outra passagem, sua dúvida era mais emocional do que intelectual. Afinal, ela joga xadrez todos os dias no computador, com adversários do mundo todo, de forma que a primeira citação falava diretamente a um ponto de intimidade dentro dela. Mas a segunda fazia mais sentido no texto, e era mais direta: “A razão humana, dizemos, é razão universal. Mas e se existirem ‘modos’ de pensar igualmente poderosos, isto é, processos biomecânicos igualmente eficiente para chegar aonde seus impulsos e desejos os incitam? E se a disputa para ver nos termos de quem a vida de sangue quente continuará neste planeta não comprovar a razão humana como vencedora? Os sucessos recentes da razão humana em sua longa disputa com o pensamento viral não devem nos iludir, porque ela está mantendo vencedora por um certo instante no tempo evolucionário. E se a maré virar? E se a lição contida nessa virada da maré for que a razão humana encontrou seu igual?”

Ela deixa o livro aberto nesse trecho e pega seu caderno de anotações. Ainda não definiu com precisão, mas sabe que a sua pesquisa sobre as bactérias não pode ser desenvolvida num texto convencional, porque um texto nunca vai anunciar uma mudança se não for a sua própria realização. Por ora, ela apenas toma notas:

— Um texto híbrido, que misture ficção, realidade e ensaio, um pouco na linha de *Cascas*, do Didi-Huberman, só que mais híbrido. Mais solto, talvez. Sem centro.

— Li outro dia que Aveiro pode ser engolida pelo mar, e a primeira coisa que pensei foi: se isso acontecer, vou perder minhas origens.

— Vozes atravessam o texto: a voz da avó, a voz da terra, a voz das gaivotas, a voz de um polvo e, por que não?, borbulhas

debaixo d'água. Por falar em debaixo d'água, pegar a música do Arnaldo Antunes.

— Os homens do mar: a pesca do bacalhau. A adaptação ao mar, o embate.

— Pensar o fim do mundo e suas consequências com: Ailton Krenak, Bruno Latour, Eduardo Viveiros de Castro, Lynn Margulis, Donna Haraway e Vinciane Despret.

— Pensar a estrutura do texto como uma sacola: Ursula K. Le Guin.

— Não consigo falar em adaptação sem pensar em barata, e não consigo pensar em barata sem pensar na barata de *G.H.*

Depois de ter visto o filme sobre Lynn Margulis, J. decidiu estudar livros sobre o antropoceno, o fim do mundo, culturas originárias e a relação entre os seres humanos e os animais, procurando perguntas e respostas que a filosofia ocidental não costumava colocar nem dar, e que se baseavam nas cooperações, nos encontros, nos relacionamentos. Um pensamento que não estivesse mais centrado no ser humano, menos ainda no homem branco. No seu estudo, percebeu que a literatura brasileira contemporânea percorria esse mesmo caminho, em autoras como Carola Saavedra, Rita Carelli, Micheliny Verunschik, entre outras e outros. Desde a sua passagem para Nietzsche que J. trabalhava com mais ênfase na relação entre filosofia e literatura. Mas agora lhe parecia mesmo impossível pensar sem a ficção — espaço onde as espécies podem coabitar. E cada vez mais começou a se interessar por textos que não pudessem ser catalogados como acadêmicos ou não, como científicos ou não. Interessava-lhe, sobretudo, a passagem de um estado a outro, uma cooperação entre formas, estilos, escritas.

Foi assim que se apaixonou pelo livro *O que diriam os animais?*, de Vinciane Despret: nem ciência, nem literatura, nem filosofia. Ou: ciência, literatura e filosofia colaborando uma com a outra até formarem um terceiro elemento, complexo, cheio de ramificações. Bruno Latour, em seu prefácio ao livro, chama esse novo gênero de fábulas científicas — pois são textos curtos que se

assemelham às conhecidas fábulas de La Fontaine, que J. adorava na infância, mas com uma perspectiva muito distinta sobre o que os animais pensam. O livro de Despret questiona a premissa científica de que apenas os animais criados nas condições rigidamente controladas do laboratório “serão capazes de proteger a produção do conhecimento contra as armadilhas do antropomorfismo”. Afinal, nada mais antropomórfico do que as condições artificiais dos laboratórios criados por humanos. Ao contrário da ciência, que não se interessa pelas “histórias” de quem observa os animais em seu habitat, Despret se volta sobre cientistas que foram muitas vezes menosprezados por relatarem comportamentos animais muito distintos daqueles encontrados nos laboratórios. Cientistas que se colocaram junto dos animais, para tentar “ouvir” o que eles diriam.

Assim, Despret passa do antropomorfismo à metamorfose, às fronteiras entre o que é humano e o que é animal. A ela, interessa sobretudo o encontro — e isso fascinou J. — como os animais se comportam na frente de observadores, mas também como os observadores se comportam na frente de animais. Como um altera o outro. Desse choque, desse encontro, surge a metamorfose. E também o pensamento dessa “filósofa natural”.

Por exemplo, na letra “C de corpo”, em diálogo com a filósofa Donna Haraway, Despret cita o trabalho da primatóloga Barbara Smuts, especialista em babuínos. No início de seu trabalho de campo na Tanzânia, Smuts quis pôr em prática o que havia aprendido: tornar-se invisível diante dos babuínos. Quanto menos eles percebessem que ela estava lá, melhor para o trabalho científico. Exatamente como J. havia feito nos seus primeiros anos em Portugal. Ela acreditava que quanto mais invisível se tornasse mais bem adaptada estaria à cultura local. O importante era que não reparassem nela, que continuassem a sua vida como se ela não estivesse ali. Mas aí ela engravidou, uma, duas vezes, e não conseguiu mais permanecer invisível, sendo mãe de dois portugueses. Começou a falar mais, a aparecer mais, a incomodar mais.

No caso dos babuínos, ao contrário do que acontecia com J., quanto mais Smuts ignorava o seu olhar, “menos eles pareciam satisfeitos”. Como diz o título de um dos livros de Donna Haraway, “quando as espécies se encontram” mais aprendemos uma da outra e com a outra, mais aprendemos. Num certo sentido, fagocitamos. Quando as espécies se encontram, elas se transformam e, nesse processo, pode entrar em prática a construção de um mundo de cooperação, tirando

o homem do centro do cosmos. Somos apenas mais um, mais uma a colaborar para a existência da vida.

J. gostava de se ver assim, como parte de uma teia, um ser que só existe em relação, e cuja existência colabora, não centraliza.

Não somos apenas nós que fazemos perguntas sobre os animais; os animais também fazem perguntas sobre nós, concluem Haraway e Despret a partir da experiência de Smuts, que, aos poucos, foi deixando de ser invisível e se transformando: “no processo de ganhar sua confiança, mudei quase tudo em mim, incluindo a maneira como andava e sentava, a maneira de levar meu corpo e a maneira como usava meus olhos e voz. Estava aprendendo um modo totalmente novo de estar no mundo — o modo do babuíno”.

Não era muito diferente do que acontecia com J. em Portugal.

Outro livro sobre a relação entre pessoas e animais que mudou a percepção filosófica do mundo de J. foi *Escute as feras*, da francesa Nastassja Martin. Ela diria que este livro a transformou, como se ela própria tivesse encontrado a fera. Como se ela própria sentisse seu ser diluir fora da razão.

Depois de tantos anos estudando filosofia, J. acredita que Nastassja fez algo que nenhum filósofo fez, nem mesmo os que se dizem contra a razão. De todos os pensadores ocidentais que tentaram explicar a relação com o outro, que tentaram transgredir a identidade “una”, nenhum conseguiu promover essa experiência tão bem quanto Nastassja. Porque ela não falou sobre a alteridade, não discursou sobre o encontro com o outro, ela o viveu de uma forma muito rara e extrema. E retornou ao seu ofício de antropóloga para relatar a sua transformação desse novo lugar.

Numa escrita que é já outra escrita. Uma escrita verdadeiramente do outro. Da outra. Da Nastassja sobrevivente ao ataque de um urso nas montanhas de Kamtchátka. Ou melhor: “O acontecimento é: um urso e uma mulher se encontram e as fronteiras entre os mundos implodem. Não apenas os elementos físicos entre um humano e um bicho que, ao se confrontarem, abrem fendas no corpo e na cabeça. É também o tempo do mito que encontra a realidade; o outrora que encontra o atual; o sonho que encontra o encarnado. A cena acontece nos dias de hoje, mas poderia muito bem ter ocorrido há mil anos”.

O nome even de Nastassja é *mátukha*, que significa ursa, mesmo antes do seu encontro com o urso. Em seus sonhos, em seus estados febris, há sempre um urso que aparece, que a segue, que a espera, que a conhece. Quando ela sai da casa de Andrei rumo ao topo das montanhas, ele já sabe o que a aguarda. Ela também. Mas

nenhum dos dois o evita. Ela precisa ir ao encontro do urso. Quando ela está no hospital, com o rosto desfigurado, a cabeça e a perna abertas, Andrei lhe diz: “Ele não quis matar você, ele quis marcar você. Agora você é *miédka*, aquela que vive entre os mundos”.

Viver entre os mundos é a verdadeira experiência da alteridade, pensa J., com alguma inveja de Nastassja. Agora ela é metade mulher, metade urso. Ela mergulhou a cabeça na boca de uma fera, literalmente. Lá dentro, era escuro. Lá dentro, ela pensou que fosse morrer. Teve o rosto rasgado por seus dentes, o maxilar quebrado; depois, foi a vez da cabeça conhecer os dentes da fera; em seguida, a perna. Mas ela nunca perdeu a consciência.

Nastassja quase morreu. Viveu um trauma, do qual se lembra todos os dias com horror. Ela chora muito. Ela escreve: “Choro como uma menina abandonada, choro por tudo que não pôde ser evitado, choro pelo meu urso, meu rosto de antes, perdido, minha existência anterior, ela também certamente perdida, choro por tudo que nunca mais será igual”. É uma dor terrível, ser atacada por um urso, parar na boca de uma fera, conhecer essa escuridão.

Mas é também uma força assustadora, sobreviver. Quase ninguém sobrevive. Muito menos uma estrangeira. Em seu terrível périplo pelos hospitais russos e franceses — sua viagem ao mundo mais humano — não há quem não se impressione. Ela agora é esse corpo, que sai da boca de uma fera diretamente para hospitais onde seu corpo se torna um objeto de guerra entre franceses e russos; entre parisienses e franceses do interior.

Ler esse livro não trouxe esperança a J., nem alento. Ela diria até que a levou para um lugar sombrio, perturbador, solitário — mas um lugar tão verdadeiro, tão transformador, um lugar onde o humano se dilui para deixar passarem as forças do mundo; deste, que estamos destruindo.

Suas leituras mais recentes condiziam muito mais com o que estava acontecendo agora — que parecia ser, efetivamente, o fim do mundo —, do que suas leituras anteriores. De repente, a humanidade havia se fechado em suas casas, por conta de um vírus. Então, pareceu-lhe ainda mais sem sentido um pensamento que não levasse em consideração o “novo regime climático”, termo que Bruno Latour usa para definir a fragilização dos ecossistemas terrestres. O confinamento havia exacerbado em J. aquilo que Latour chama de desconfinamento de certas ideias centrais da Modernidade, como as de progresso, de crescimento econômico e de dominação da natureza.

Num fim de tarde, depois de alguns dias longe de casa, perambulando pelos arredores de Aveiro, uma paisagem estranha para ela, com o serpentear das rias, o mar violento das praias, as ondas que lambem as calçadas, J. começa a se interrogar se quer continuar vivendo em Lisboa. Por que não se mudar para o Norte, ficar perto das suas origens, trazer os filhos para um lugar mais calmo, onde pudesse de fato sentir a passagem das horas e experimentar na vida aquilo que procurou durante tantos anos na filosofia? Olhando para o mar revoltado, pensa que para se libertar de vez de uma visão cartesiana, precisa libertar o corpo das grandes cidades, esvaziá-lo de Lisboa e daquilo que ela havia se tornado nos últimos anos.